

O LOUCO¹

Frota Cavalcanti



[3]² Duas horas da manhã e, no entanto, era cada vez mais estrepitosa a fúria do Carnaval. Gargalhadas estridentes, gritos, guinchos, assobios, combinavam-se em harmonia de demônios, quebrando a serenidade e a transparência luminosa da noite em plenilúnio.

Matracas, pandeiros, maracas, zabumbas, tambores, cornetins atroavam os ares! Em toda a parte, um cheiro embriagador de cloretil, no asfalto um tapete de confete. Dominós fugindo aos beijos. Sombras esgueirando-se na penumbra dos muros. Era a orgia pagã das festas dionisiacas, que passavam por mim, enquanto, no desespero da angústia que me empolgava, eu tinha olhos de ver mas não via; não compreendia o que se me deparava. Chegaria a tempo? Um minuto de demora e, talvez, não a encontrasse viva. O médico ficara à sua cabeceira, à minha espera. Um momento que perdesse.

E a imagem lívida de minha noiva, na aparência de uma santa de marfim, à luz mortiça do quarto, a encenação da morte em tudo, surgiam

¹ CAVALCANTI, Frota. O louco. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XVIII, v. 13, p. 3, 5 abr. 1924.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

diante de mim, atordoavam-me, causavam-me tonturas, dando-me uma ânsia de correr. Estava comigo o remédio salvador. Apertava-o nas mãos frias. Mas o destino me perseguia.

Nem um automóvel...

Às vezes, uma esperança, fugaz como um relâmpago. Aproximava-se um auto. Arriscando-me a ser atropelado, tomava-lhe a frente; havia lá dentro gritos de susto. O carro desviava-se, fugia, e, em breve, a luz da lanterna se apagava, à distância, com o amortecido rumor de cantos e *urrás!* Meu desespero então crescia. Feria-me a dor de uma angústia nova. De uma das vezes, porém, o automóvel parou, abri-o com o *chauffeur* e ia dar a este a direção, quando o vi recuar um passo, Estávamos perto de um foco elétrico.

A luz batia-lhe em cheio no rosto! Fitei-o!... Um ricto selvagem contraía-lhe as feições. Que me importava? Dei-lhe o destino: Conde de Bonfim. E acrescentei:

— Arrebente a máquina, atrole quem encontrar, mas vamos à toda.

Cinquenta mil réis pela corrida!

Pareceu-me vê-lo rir-se de um modo horroroso. Lembro-me de que, voltando-se, perguntou rápido:

— Tem muita pressa?

Desta vez notei perfeitamente o seu riso estranho e um olhar feroz, macabro, que me lançou! Eu não estava, porém, em condições de ligar importância a isso.

O automóvel corria com o máximo de velocidade. A cada momento íamos cair um sobre o outro.

Um triz, um milagre separava-os.

Parecia-me, entretanto, que, não fora a habilidade do *chauffeur* ameaçado, e o desastre se daria. A velocidade era agora vertiginosa. Havia gritos à nossa passagem. Estalavam as molas do carro. Era como se o agitasse uma profunda convulsão.

Eu ia mandar moderar a carreira, quanto, a trinta metros, um grupo desenhou diante de nós. Não sei como foi aquilo!

Fechei os olhos...Um grito pavoroso chegou aos meus ouvidos.

Senti que as rodas passavam sobre um corpo humano, dando-me a impressão de um estalar de ossos triturando-se. Um líquido quente salpicou-me o rosto! Limpei-o com o lenço. Reabri os olhos: era sangue!... A carreira era agora maior. Onde estávamos? Compreendi que íamos para um outro rumo. E foi então, que observei que o *chauffeur*, de instante a instante, me lançava um olhar vítreo e terrível.

Batia-lhe no ombro e mandei, imperativamente, que parasse.

Nunca me esquecerei o que se passou! Deixando o automóvel sem governo, cruzou o *chauffeur* os braços, e voltou-se para mim. Chocavam-se lhe os dentes. Seus olhos tinham chispas vivas de ódio. Mal podia falar. Um desastre estava iminente. Pensei ter me entregado a um louco. — Para! — novamente bradei-lhe

— Parar? — perguntou — Não tinhas pressa?

— Para!

— Temes a morte, covarde sedutor! Cuidas que te não conheço, e pensas que não sei que foste o sedutor de minha irmã?

— Eu?!

Agitou-o um riso cruel. Seu punho fechado estava perto de meu rosto. Como discutir com um louco? E retorqui-lhe:

— Eu, sedutor! Minha pobre noiva! — esta lembrança a restituir-me a calma. Levei, devagar, a mão ao bolso para tirar o revólver. Esquecera-o, não o trazia comigo!

O *chauffeur*, agora, voltado para dentro do carro, crispadas as feições com os punhos ameaçadores, estava tão perto de mim que lhe sentia a respiração ofegante e cálida. Como tratar com um doido? Atirá-lo fora? Lembrei-me disso, mas ele era muito mais forte do que eu. Ao longe, negra massa se erguia cortando-nos o passo.

— Queres então que morramos os dois? — perguntei-lhe.

Foi súbita a minha resolução.

Ele se voltara, e eu, num pulo de destreza inédita, abrindo a porta, atirei-me longe...

Somente quinze dias depois voltei a mim. O choque me produzira uma comoção cerebral. Não me recordava de coisa alguma.

Decorrem mais alguns dias, e quando pude andar, fui ao meu gabinete de estudo. Objetos familiares despertavam-me, pouco a pouco, a memória. Há, porém, alguma coisa que me falta e que não sei bem o que é. Procuro reconstituir o que me cerca, e a sensação do vácuo é, sempre e sempre, maior. De repente, ergo os olhos para um quadro que está na parede, por cima da minha mesa de trabalho e envolto em crepe. É de feições conhecidas. Fito-as. Meu Deus! É minha noiva! A noite trágica ressurge. Vou enlouquecer. Onde está minha noiva?

Dois braços de mulher amparam-me e afastam-me dali. É minha irmã.

Minha noiva morrera na mesma noite em que eu fora encontrado junto ao túnel novo do Leme, perto de um automóvel em pedaços, ao pé do cadáver de um *chauffeur* desconhecido.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

